



**Universidade de Brasília
Faculdade UnB de Planaltina – FUP**

**MUDANÇAS NA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO PARQUE SUCUPIRA,
APÓS A IMPLANTAÇÃO DE INFRAESTRUTURA DE RECREAÇÃO E
ESPORTES**

MÁRCIA ANGÉLICA NERI DE AGUIAR SOUZA

Planaltina - DF
2017



**Universidade de Brasília
Faculdade UnB de Planaltina – FUP**

**MUDANÇAS NA PERCEPÇÃO DOS USUÁRIOS DO PARQUE SUCUPIRA,
APÓS A IMPLANTAÇÃO DE INFRAESTRUTURA DE RECREAÇÃO E
ESPORTES.**

MÁRCIA ANGÉLICA NERI DE AGUIAR SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade de Brasília, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Bacharel em Gestão
Ambiental.

Orientadora: Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira

Planaltina - DF

2017

MÁRCIA ANGÉLICA NERI DE AGUIAR SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade UnB Planaltina,
como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Gestão Ambiental.

Banca Examinadora:

Planaltina-DF, de janeiro de 2017.

Profa. Dra. Mônica Celeida Rabelo Nogueira (Orientadora)

Profa. Dra. Regina Coelly Saraiva Fernandes
(Examinadora)

Prof. Irineu Tamaio
(Examinador)

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUZA, Márcia Angélica Neri de Aguiar.

Mudanças na percepção dos usuários do Parque Sucupira, após a implantação de infraestrutura de recreação e esportes. Márcia Angélica Neri de Aguiar. Faculdade UnB Planaltina, Planaltina - DF, 2017. 42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade UnB Planaltina, Universidade de Brasília. Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental. Orientadora: Mônica Celeida Rabelo Nogueira

1. Parques Urbanos 2. Percepção Ambiental 3. Infraestrutura.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me permitiu a oportunidade de ingressar na universidade.

Aos docentes pela transmissão de conhecimentos.

Aos colegas e companheiros de estudos.

Aos amigos e familiares pelo apoio e motivação.

À minha orientadora, Mônica Nogueira, pelo tempo, dedicação e estímulo.

A todos o meu muito obrigada.

RESUMO

Esta pesquisa dedicou-se a verificar a percepção dos atuais usuários do Parque Sucupira e identificar mudanças em sua percepção após a implantação de infraestrutura de recreação e esportes na área. A entrevista acompanhando os usuários em seu percurso de caminhada (go-along) e a observação participante foram os métodos utilizados para a geração dos dados de pesquisa. As entrevistas foram gravadas, transcritas e categorizadas. Foram entrevistados 86 usuários, nos períodos da manhã e da tarde, durante dias de semana (segunda a sexta-feira) e também nos finais de semanas (sábado e domingo). A conclusão dessa pesquisa apresenta a mudança na percepção dos atuais usuários, suas satisfações, insatisfações, experiências e aponta as melhorias almejadas.

Palavras-chave: Parque Urbano, percepção ambiental, infraestrutura.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da APA do Rio São Bartolomeu	20
Figura 2 - Vizinhança e posição do Parque Sucupira em relação outras UCs .	21
Figura 3 - Infraestrutura instalada no Parque Sucupira.....	23
Figura 4 - Origem dos usuários do Parque Sucupira	27
Figura 5 - Lixo nas estradas de acesso às chácaras no Parque Sucupira.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Período em que os usuários frequentam o Parque Sucupira	25
Gráfico 2 - Frequência semanal dos usuários	25
Gráfico 3 - Meios pelos quais os usuários conheceram o Parque Sucupira	26
Gráfico 4 - Atividades realizadas pelos usuários do Parque Sucupira	26
Gráfico 5 - Aumento de usuários que passaram a conhecer e frequentar o Parque Sucupira após a implantação de infraestrutura	29
Gráfico 6 - Percepção de risco dos usuários do Parque Sucupira	30
Gráfico 7 - Usuários que conheceram outras pessoas no Parque Sucupira	32
Gráfico 8 - Usuários que frequentam o Parque Sucupira sozinhos ou acompanhados	32
Gráfico 9 - Usuários que perceberam a presença de lixo no Parque Sucupira	34

SUMÁRIO

Introdução	9
CAPÍTULO 1: Parques urbanos e percepção ambiental dos usuários	13
1.1 Parques urbanos.....	13
1.2 Percepção ambiental	16
CAPÍTULO 2: O Parque Sucupira e seus usuários	19
2.1 O Parque.....	19
2.2 Usuários do Parque Sucupira	24
CAPÍTULO 3: Percepção ambiental dos usuários do Parque Sucupira	28
3.1 As relações entre infraestrutura e percepção de risco dos usuários.....	28
3.2 O Parque Sucupira como espaço de vivências e socialização	31
3.3 Cidadania e meio ambiente	32
3.4 Benefícios para os usuários: saúde e beleza cênica	35
Considerações finais	37
Referências	40
Roteiro de entrevista	44

Introdução

Devido aos problemas socioambientais está cada vez mais em evidência a necessidade de implantar espaços destinados ao lazer e à conservação do meio ambiente nos perímetros urbanos. A criação desses espaços visa influenciar o comportamento social com relação à natureza, em prol de maior consciência ambiental, por meio da constituição de reservas de áreas verdes. Os Parques Urbanos atuam como elementos de equilíbrio do meio ambiente e de alívio do estressante cotidiano vivenciado pelas populações residentes nas cidades.

Entre as muitas categorias de Unidades de Conservação (UCs) existentes hoje, uma que apresenta grande potencial para a Educação Ambiental são os Parques Urbanos. Afinal, essas UCs estão situadas nas cidades e permitem usos diversos por parte da população urbana, oferecendo-lhes vivências diversas em contato com a natureza.

As Unidades de Conservação conciliam a proteção da fauna, da flora e dos atrativos naturais com a exploração de seus recursos para fins científicos, educacionais, recreativos e/ou turísticos, a depender se são unidades de proteção integral ou de uso sustentável.

O Distrito Federal conta com 73 Parques Urbanos distribuídos em suas diferentes Regiões Administrativas, sendo 9 na cidade de Planaltina-DF. De acordo com a Lei Complementar nº 265, os parques no Distrito Federal são Unidade de Uso Sustentável, de uso múltiplo, ou seja, ao mesmo tempo em que oferecem infraestrutura para a realização de atividades físicas e lazer em contato com a natureza, também têm a função de conservação ambiental. Por esse motivo, os parques devem estar em local de fácil acesso à população e possuir infraestrutura para a consecução dos diferentes objetivos a que se destinam: conservar o ambiente natural, recuperar áreas degradadas, estimular a Educação Ambiental local e propiciar a realização de atividades de lazer em contato com a natureza.

A instalação de infraestrutura (calçamento, trilhas, quadras poliesportivas e iluminação) é, portanto, fator que pode influenciar na

realização das funções socioambientais dos Parques Urbanos, especialmente sobre a percepção e nível de satisfação de seus usuários.

Este estudo dedica-se a verificar essa hipótese no Parque Sucupira, situado no bairro Vila Nossa Senhora de Fátima, ao lado da Faculdade UnB de Planaltina (FUP), em Planaltina, DF.

Em estudo realizado entre os anos 2006 e 2010, Cavalcante (2010) relatou que o Parque Sucupira se encontrava em situação de abandono nesse período. A área do Parque, que já havia sido um lixão, seguia sendo utilizado pela população como local para a dispensa de entulho, especialmente restos de construção. Cavalcante (2010) ressaltou que a comunidade se referia ao Parque com rejeição, por se tratar de um lugar inseguro, pois, com o abandono, essa UC havia se tornado um abrigo para a venda de drogas e objetos roubados, de assaltos e esconderijo de infratores.

Anos seguintes à pesquisa realizada por Cavalcante, especificamente no dia 1º de Junho de 2014, foi inaugurada a primeira fase de implantação infraestrutura no Parque Sucupira. O Parque recebeu guarita, sede administrativa, edificação para Educação Ambiental, banheiros, pistas de caminhada e de skate, quadra poliesportiva, quadra de areia e estacionamento. A comunidade de Planaltina foi, então, beneficiada com oportunidades para desenvolver atividades físicas e de lazer e de se conscientizar das necessidades de conservar o meio ambiente.

O presente estudo tem por objetivo verificar a percepção dos atuais usuários do Parque Sucupira e identificar mudanças em sua percepção após a implantação de infraestrutura de recreação e esportes na área

Tem por objetivos específicos: (a) identificar as características sociodemográficas dos usuários do Parque; (b) analisar a percepção dos usuários sobre a importância do meio ambiente; (c) apontar possíveis melhorias no Parque Sucupira; (d) identificar nos depoimentos dos usuários se reconhecem funções ecológica e social do Parque.

A questão orientadora do estudo, portanto, é: o uso cotidiano do Parque - potencializado pela infraestrutura instalada - contribui para que a população local reconheça as funções ecológica e social desta UC?

Este estudo tem por relevância científica: gerar conhecimento sobre fatores que podem potencializar as funções socioambientais de Parques Urbanos. Por relevância ética: promover o reconhecimento do Parque Sucupira como área de vivências sociais, tendo em vista a dimensão educativa implicada no processo de gestão ambiental do Parque Sucupira, o valor simbólico do Parque e o sentimento de pertencimento dos usuários a esse espaço. Por relevância pessoal: a participação da troca de saberes e de experiências com pessoas diversas, usuárias do Parque.

Os instrumentos de pesquisa utilizados no presente trabalho foram a entrevista acompanhando os usuários em seu percurso, *go-along*, (KUSENBACH, 2003) e a observação participante. Segundo KUSENBACH (2003) este método *go-along* possibilita a junção entre esses dois instrumentos de pesquisa: a partir do acompanhamento dos trajetos cotidianos feitos pelos sujeitos da pesquisa, o momento de conversa sobre os espaços por eles percorridos e sua relação com aquele local. Ou seja, ao mesmo tempo em que o pesquisador observa o cotidiano de seus interlocutores, esses manifestam sua opinião e compartilham suas percepções com o pesquisador. Para Kusenbach, essa ferramenta de pesquisa poderia ampliar a visão do pesquisador sobre temas como o tipo de envolvimento espacial do seus sujeitos observados, as relações do espaço percorrido com as biografias dos entrevistados, as redes de relações sociais com as pessoas ali presentes, além da percepção dos interlocutores com temas relacionados.

Foram entrevistados 86 usuários que, de forma regular ou não, fazem caminhadas no Parque Sucupira. As entrevistas ocorreram nos meses de março e abril de 2016, durante dois dias da semana e um dia do fim de semana, sempre intercalando os horários entre início da manhã e fim de tarde, já que esses são os períodos em que o Parque é mais frequentado. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, para uma melhor discussão dos resultados, algumas informações foram organizadas para gerar dados

quantitativos (para o quê fiz uso do Excell), enquanto os depoimentos foram categorizados para análise (BARDIN, 2011).

Esta monografia encontra-se organizada em três capítulos. O primeiro capítulo oferece uma revisão da bibliografia relacionada aos temas do estudo. O segundo capítulo apresenta a descrição do Parque Sucupira sua localização, vizinhança, sua posição em relação a outras UCs e caracterização sociodemográficas dos usuários. O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa, em que discuto como os usuários percebem os contornos do Parque, tendo como referência a infraestrutura instalada; as relações entre infraestrutura e percepção de risco dos usuários; o Parque Sucupira como espaço de vivências e socialização; a relação dos usuários com o Parque Sucupira e como essa relação influenciou na conscientização ambiental; outros benefícios apontados pelos usuários, como saúde e beleza cênica. A monografia se encerra com um conjunto de considerações gerais sobre os resultados da pesquisa e possíveis desdobramentos.

CAPÍTULO 1: Parques urbanos e percepção ambiental dos usuários

1.1 Parques urbanos

Originalmente, os Parques surgiram somente para preservação. A criação das primeiras áreas de protegidas é creditada à região de Yellowstone, em 1872, nos Estados Unidos. Logo, essa área recebeu honrosamente o título de Primeiro Parque Nacional do Mundo (Obara; Silva, 2001). Durante muito tempo as áreas destinadas à preservação foram denominadas "parques". A iniciativa de criação de parques nacionais se espalhou por vários países, diversificando-se com o passar do tempo, passando desse modo a receber a denotação de Unidades de Conservação (UC), que são áreas protegidas das atividades econômicas para conservar amostras duradouras dos ecossistemas originais.

Somente no ano de 1937 foi criado o primeiro parque nacional no Brasil, o Parque Nacional de Itatiaia, nos limites entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os Parques Urbanos são uma das modalidades de parques, acionados para a conservação de áreas verdes no perímetro das cidades. Para Milano (1993) essas unidades são áreas livres na cidade com características naturais preservadas. Para Lima (1994) as áreas verdes nas cidades têm função ecológica, estética e de lazer - e este conceito prevalece para a definição atual de parque urbano.

De acordo Martins Júnior (2007), entre o fim do século XVIII e começo do século XIX, surgiram os primeiros espaços verdes e os primeiros parques urbanos para o uso público na Europa e nos Estados Unidos. Com o aumento de áreas urbanas e a destruição das florestas, a demanda por áreas verdes surgiu como refugio para a sociedade industrial e passou a fazer parte do dia a dia da população.

Mesmo diante das mudanças em outros países, o Brasil não aderiu a tais mudanças, pois segundo Scocuglia (2009), o Brasil não se encontrava em expansão urbana significativa e os parques funcionavam apenas como uma extensão do cenário das elites. No início do século XIX, o

Brasil passa por uma reorganização em sua infraestrutura, com a vinda da Família Real Portuguesa em 1808. Macedo (2003) afirmou que essa reestruturação reflete nas velhas e pequenas cidades, reorganizadas para desempenhar novas funções administrativas. Uma dessas cidades é a antiga capital, o Rio de Janeiro, que se apoderou de recursos e investimentos. Os parques, construídos em pequeno número, eram localizados em algumas das grandes cidades, em centros aonde se encontrava a elite. No decorrer dos últimos dois séculos, o parque torna-se também, segundo Macedo (2003), um elemento urbano comum, pois não só as principais capitais possuem belos parques, como também comunidades urbanas de médio e pequeno porte.

Ao final do século XIX, a disciplina de Urbanismo se insere principalmente na cidade de São Paulo, surgindo assim ideias modernas no planejamento de parques urbanos. Oliveira (2010) discorre que se antes as áreas verdes se restringiam apenas ao embelezamento urbano para as elites; são nesse período que os parques e sistemas de parques se tornam elementos chave no planejamento do tecido urbano, acrescentando novos usos como o esporte e o recreio ativo. (SILVA; PASQUALETTO, 2013)

O Parque Urbano surge como estratégia de conservação do ambiente e de amortecimento da poluição. Por estarem dentro do perímetro urbano, são frequentados e utilizados por uma parcela significativa da população para atividades de lazer, de convívio e de prática de esportes. Áreas de preservação funcionam como barreiras para evitar a ocupação indevida de áreas sujeitas a desmoronamentos e processos erosivos, impedem que se tornem depósito de lixo e também evita o assoreamento de rios e córregos que podem auxiliar na contenção de enchentes. Assim os Parques Urbanos são de uso múltiplo, têm o objetivo de associar a conservação dos recursos naturais com o uso populacional para atividades físicas, recreação e contemplação da natureza.

Segundo Szeremeta e Zannin (2013), Parques Urbanos que oferecem condições ambientais adequadas são determinantes para seu uso no desenvolvimento de atividades físicas e de lazer. Por outro lado, condições ambientais inadequadas do ambiente e a insatisfação dos usuários impossibilita o uso dos parques. Alguns estudos internacionais demonstram que a boa qualidade social e física de parques urbanos, como: infraestrutura

adequada, segurança, e facilidade de acesso potencializam a frequência das pessoas.

Diversos autores afirmam que por suas características físicas e sociais os Parques Urbanos são apropriados para a prática de atividade física e recreação. Há ainda outros estudos que apontam benefícios (sociais, físicos e psicológicos) de utilizar este tipo de espaços com áreas verdes para a prática de atividades físicas e de Educação Ambiental. Logo, a implantação de Parques Urbanos é de suma importância na promoção da saúde e vivência social. Mas é necessário que esses ambientes sejam positivamente percebidos para que as pessoas sejam atraídas e motivadas a frequentar essas áreas e usufruírem dos benefícios que o desenvolvimento de atividades nestes locais pode proporcionar.

Segundo Loboda; Angelis (2002) o melhoramento da qualidade de vida urbana está vinculado a fatores de infraestrutura, desenvolvimento econômico-social atrelado à questão ambiental. Para melhorar a qualidade de vida é necessária uma infraestrutura para promover a recreação, a preservação ambiental e a sociabilidade. Segundo Medeiros (1971), a recreação tem um papel constitucional na junção do meio ambiente e o meio social. A participação em atividades recreativas faz parte da vida das pessoas, independente do nível socioeconômico e cultural de cada um e é evidente a importância dos Parques Urbanos para tanto.

Mas mesmo diante dos benefícios gerados por essas UCs, frequentemente, a gestão desses espaços não é realizada de forma satisfatória e os problemas ambientais não são resolvidos. As áreas verdes devem apresentar condições ambientais e estruturais adequadas para assegurar os benefícios para a qualidade ambiental das cidades e para a população, (SZEREMETA; ZANNIN, 2013). Mas a falta de verbas e interesse da gestão dos município e Distrito Federal não propiciam ações de proteção e recuperação de áreas degradadas das áreas dos parques já constituídos. O Parque Sucupira, em Planaltina - DF, ainda se encontrava nesta situação até o ano de 2014.

1.2 Percepção ambiental

A percepção ambiental pode ser entendida como uma consolidação da tomada de consciência do ambiente pelo homem, na medida em que esse reconhece o ambiente à sua volta, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo. Os depoimentos da relação do indivíduo com o meio são resultado das percepções individuais e coletivas, dos processos cognitivos, avaliações e perspectivas de cada indivíduo, combinadas às suas experiências sociais. Logo, o estudo da percepção ambiental é fundamental para compreender as relações entre o homem e o ambiente, suas perspectivas, vontades, contentamentos e discontentamentos, julgamentos e comportamentos.

A existência de diferenças nas percepções quanto a importância e valores atribuídos ao meio ambiente entre os indivíduos de culturas diferentes ou de grupos socioeconômicos que desempenham funções distintas, no plano social e ambiental, é uma das dificuldades para a proteção do meio ambiente. Devido a isto a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) ressaltou, em 1973, a importância da pesquisa em percepção ambiental para o planejamento do ambiente.

A educação e percepção ambiental surgem como armas na defesa do meio ambiente e mediadores na reaproximação do homem com a natureza, assegurando qualidade de vida para despertar a responsabilidade e respeito dos indivíduos em relação ao ambiente em que habitam.

Percepção também pode ser entendida tanto como a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é a primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências (TUAN, 1980, p. 5).

Para Okamoto (1996) os estudos de percepção ambiental visam investigar a forma como o homem enxerga, interpreta, convive e se adapta à realidade do meio em que vive, principalmente em se tratando de ambientes instáveis ou vulneráveis social e naturalmente

Segundo Tuan (1980), a percepção varia segundo os sentidos. A visão, o tato, a audição e o olfato são os filtros sensoriais comuns de todas as pessoas. A percepção do grupo é definido pelos traços da cultura e do indivíduo pela percepção singular. Ainda que a percepção seja norteadas por regras universais delimitadas pela cultura, ela também é guiada por situações incomuns ou impróprias ligada à fisiologia humana e à diversidade de temperamento.

Para compreender como os indivíduos percebem o ambiente em que estão inseridos, suas satisfação ou insatisfação é preciso compreender suas expectativas, críticas e comportamentos (FAGGIONATO, 2007). O estudo da percepção pode ser direcionado ao estudo das áreas verdes visando, assim, compreender os valores atribuídos a estas áreas pela população.

Atividades que busquem a melhoria da qualidade de vida, permitindo a interação entre homem e natureza e favorecendo a geração futura e a utilização dos recursos naturais, pode ser desenvolvido por meio de atividades físicas em áreas verdes. A infraestrutura motiva a comunidade a fazer o uso da área, e esse contato permite um despertar na comunidade, um sentimento de pertencimento ao determinado local e conseqüentemente a preservação e valorização, como afirma Rio e Oliveira (1999, p.104):

[...] o lugar pode adquirir profundo significado para o indivíduo. Quando o espaço nos é inteiramente familiar torna-se lugar. [...] A atividade perceptiva enriquece continuamente a experiência individual e por meio dela nos apegamos, cada vez mais, ao lugar e a sua paisagem, desenvolvendo sentimentos topofílicos [...]

Tuan (1930) definiu a topofilia como um elo afetivo entre o indivíduo e o lugar ou ambiente físico resultante da experiência vivida. Portanto, o sentimento de pertencimento molda a percepção e o comportamento.

Existem diversos estudos referentes a Parques Urbanos, relacionados ao seu uso e conservação, a atividades de Educação Ambiental desenvolvidas, a identificação da percepção dos seus usuários e a qualidade

de saúde e vida. Porém, não existe nenhum que trate da mudança da percepção de seus usuários mediante a implantação de infraestrutura.

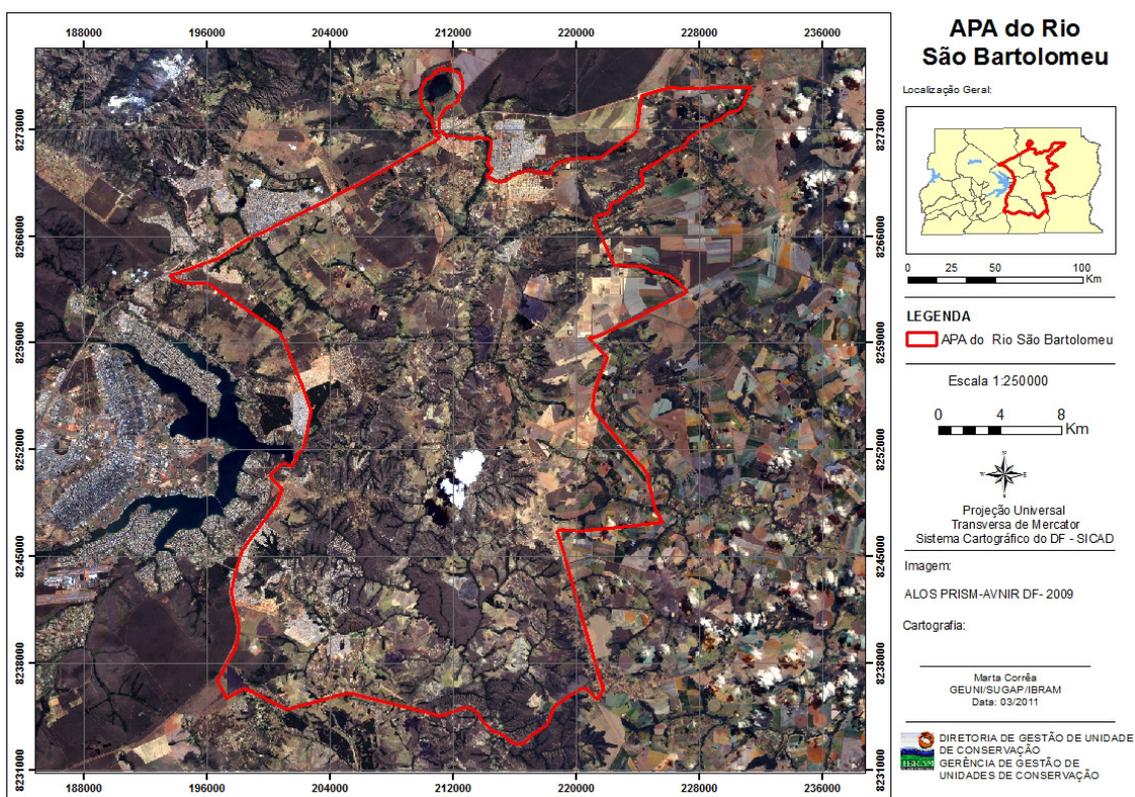
CAPÍTULO 2: O Parque Sucupira e seus usuários

2.1 O Parque

Existem na região de Planaltina nove parques distritais: Parque Sucupira, Parque Ecológico e Vivencial Cachoeira do Pipiripau, Parque Lagoa Joaquim Medeiros, Parque Ecológico dos Pequizeiros, Parque Ecológico do DER, Parque Ecológico e Vivencial do Retirinho, Parque Ecológico e Vivencial Estância, Parque Ambiental Colégio Agrícola e Parque de Uso Múltiplo Vale do Amanhecer (TAMAIO; LAYRARGUES, 2014).

O Parque Sucupira, foco deste estudo, localiza-se ao lado da Faculdade UnB Planaltina (FUP) - um dos quatro campi da Universidade de Brasília, no DF - em uma área contígua à Área de Proteção Permanente (APP) do Córrego Fumal, inserida na Área de Preservação Ambiental (APA) Rio São Bartolomeu (Figura 1), que por sua vez abrange o Córrego Fumal e o Ribeirão Mestre D'Armas. A APA Rio São Bartolomeu está situada na região centro-leste do Distrito Federal, a jusante da represa do Lago Paranoá e do Rio São Bartolomeu. Essa APA foi criada no Distrito Federal em 1983, com o objetivo de proteger os recursos hídricos para o abastecimento futuro do DF, assim como proteger a fauna, a flora e locais de beleza cênica.

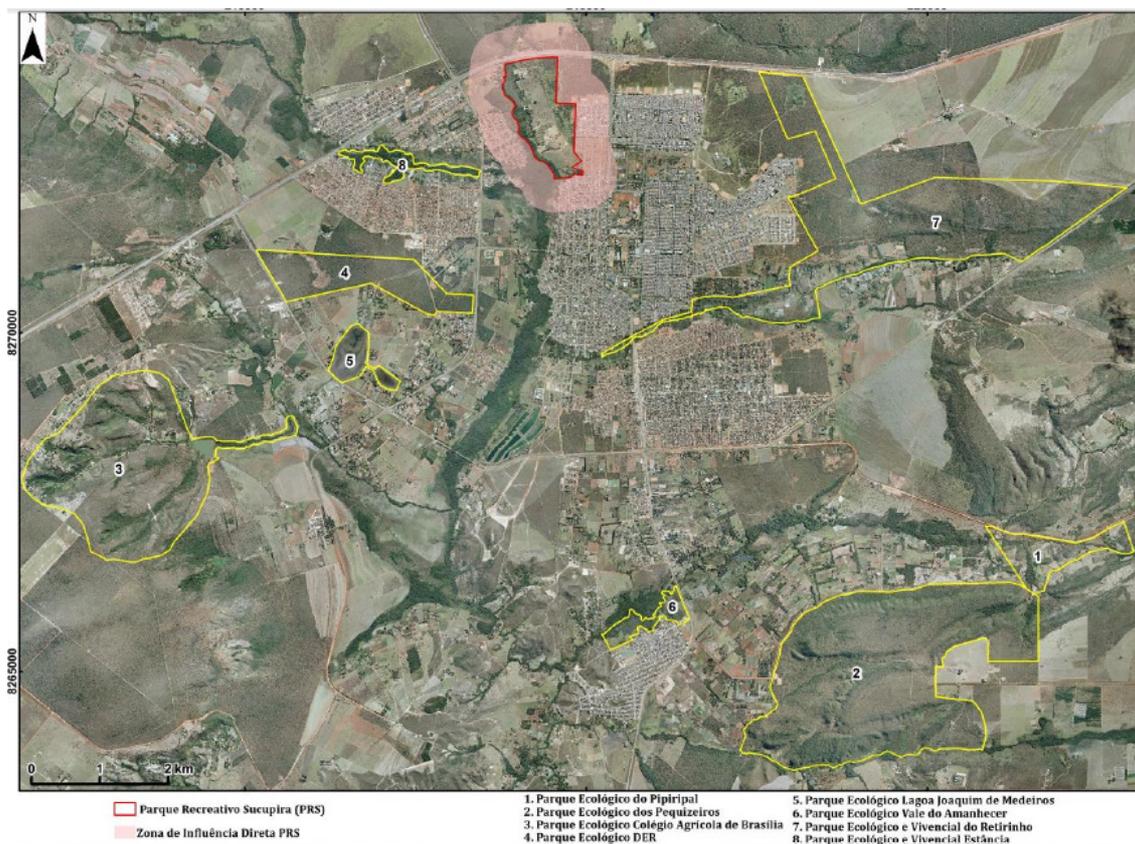
Figura 1 - Mapa da APA do Rio São Bartolomeu



Fonte: IBRAM (2013)

O Parque Sucupira está situado no bairro Vila Nossa Senhora de Fatima, à margem da BR 020. É de fácil acesso e por estar localizado entre bairros da cidade de Planaltina serve como percurso alternativo para pedestres e ciclistas que saem de um bairro para outro, próximos à BR 020, como os bairros Jardim Roriz, Estância ou Mestre D'armas. O Parque é uma área remanescente de uma antiga fazenda na região, a Fazenda Sucupira. Ao norte dele, está situada a Estação Ecológica de Águas Emendadas (ESEC AE). O Parque Lagoa Joaquim Medeiros, o Parque Ecológico do DER e o Parque Ecológico e Vivencial do Retinho são outros parques da região, próximos ao Parque Sucupira (Figura 2).

Figura 2 - Vizinhança e posição do Parque Sucupira em relação outras UCs



Fonte: Bernardes (2013).

O Parque Sucupira foi instituído em 23 de Dezembro de 1996, pela Lei Distrital nº 1318. É espaço vivencial, segundo a sua lei de criação. O Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal – Brasília Ambiental (IBRAM) tem por responsabilidade fiscalizar e zelar pelos parques urbanos do DF.

Devido à situação de abandono até o momento da instituição do Parque a área funcionava como lixão que foi desativado, mesmo assim a área do Parque ainda continua sendo um alvo de despejo de lixo. Durante alguns anos a área também funcionou como horta comunitária. Há na área 7,32 hectares de solo exposto, a cascalheira, por atividades de mineração realizada no passado (OLIVEIRA 2014).

Oliveira (2014), em seu estudo intitulado "Panorama dos Parques e Planaltina - DF: pressão antrópica sobre áreas verdes urbanas" informa que o Parque Sucupira possui extensão de 229,80 hectares. Sua vegetação é típica

de cerrado, composta também pela mata ciliar do Ribeirão Mestre D'Armas. Encontramos nele uma variedade de árvores frutíferas nativas do cerrado: pequis, jatobás, araticuns, cagaitas, muricis entre outras espécies como a sucupira que deu origem ao nome do Parque. No Parque há áreas perturbadas por despejo de entulho, queimadas e solo exposto decorrente da extração de cascalho no passado.

O Plano Diretor de Planaltina reconhece o Parque Recreativo Sucupira como um Parque de Uso Múltiplo e define suas margens. Definiu também como Zona de Amortecimento Ambiental, pois, parte da área do Parque Sucupira se insere no cinturão de três quilômetros em torno da Estação Ecológica de Águas Emendadas. Portanto, tem dentre seus objetivos garantir a integridade de Águas Emendadas e estimular a recuperação da vegetação nativa. (CAVALCANTE, 2010, p.59)

O Parque Sucupira, assim como a Estação Ecológica de Águas Emendadas (ESECAE), visam a conservação do meio ambiente e o amortecimento da poluição, mas sua maior importância está ligada a conservação dos corpos hídricos.

Quando o Parque Sucupira foi implantado já existiam algumas chácaras na área, originadas do fracionamento da Fazenda Sucupira e, até hoje, a questão fundiária é um dos problemas mais significativos dessa UC, pois ainda existem três chácaras em seu perímetro. Uma das chácaras possui um viveiro de plantas, o que aumenta o risco de proliferação de espécies exóticas em seu interior. Outra chacara, próxima ao Córrego do Fumal, é utilizada como depósito de materiais de construção, e possivelmente essa atividade assoreie o curso d'água. Há também vegetação invasora, como a braquiária, capim utilizado para alimentação de gado, antes da criação do Parque.

Em junho de 2014 foi inaugurada a primeira etapa de implantação da infraestrutura no Parque Sucupira, em Planaltina. O Parque recebeu guarita, sede administrativa, edificação para Educação Ambiental, banheiros, pistas de caminhada e de skate, quadra poliesportiva, quadra de areia, parque infantil, estacionamento e pavimentação (Figura 3). A implantação de infraestrutura do Parque Sucupira foi realizada por meio do Programa Brasília Cidade Parque, desenvolvido pela Secretaria de Recursos Hídricos (SEMARH) e o Instituto Brasília Ambiental (IBRAM) e custeada pelo Governo do Distrito Federal.

Figura 3: Infraestrutura instalada no Parque Sucupira.



Fonte: Elaboração própria.

O IBRAM no período de 3 de agosto a 16 de setembro de 2015, promoveu Consulta Pública Online com a proposta de recategorização dos Parques Ecológicos do DF, com o objetivo de adequar as Unidades de Conservação hoje existentes ao Sistema Distrital de Unidades de Conservação da Natureza (Lei Complementar 827/2010 - SDUC), o Parque Sucupira foi recategorizado, de Parque Recreativo Sucupira para Parque Ecológico Sucupira.

Desde a implantação de infraestrutura os usuários receberam a oportunidade de desenvolverem novas experiências com o Parque e de substituírem os sentimentos de rejeição e insegurança por afeição e segurança, conforme este estudo demonstra a seguir.

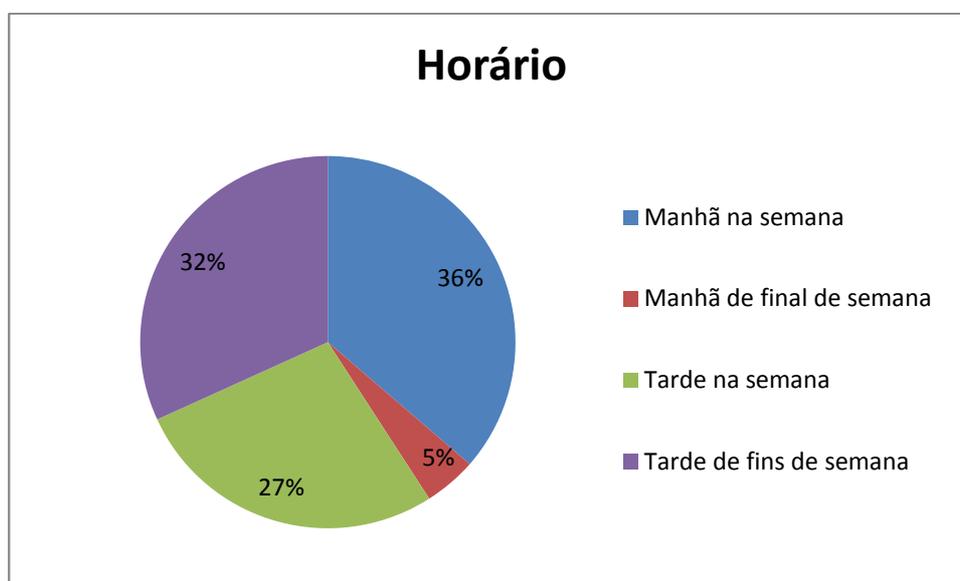
2.2 Usuários do Parque Sucupira

Fizeram parte desta pesquisa 86 usuários do Parque Sucupira, entrevistados no momento da realização de suas caminhadas. 59% dos usuários entrevistados são mulheres. 45% dos usuários tem idade entre 31 anos e 45 anos; outros 41%, de 46 à 72 anos e 14% de 28 anos a 30 anos.

Quanto à profissão, 37% dos entrevistados são donas de casa, 16% aposentados, 16% vigilantes (trabalhando para a iniciativa privada), 16% servidores públicos, sendo em sua maioria professores da rede pública, 10% comerciantes e 5% auxiliares de limpeza (trabalhando para a iniciativa privada). Quanto à escolaridade, 55% dos usuários possuem apenas Nível Fundamental de escolaridade, 27% possuem o nível Médio, 18% possuem Nível Superior e 9% são analfabetos.

Todos os usuários entrevistados são moradores da cidade de Planaltina. O início do dia, durante os dias da semana (segunda a sexta-feira), é o horário mais frequentado pelos usuários e, nos finais de semanas, os fins de tarde (Gráfico1).

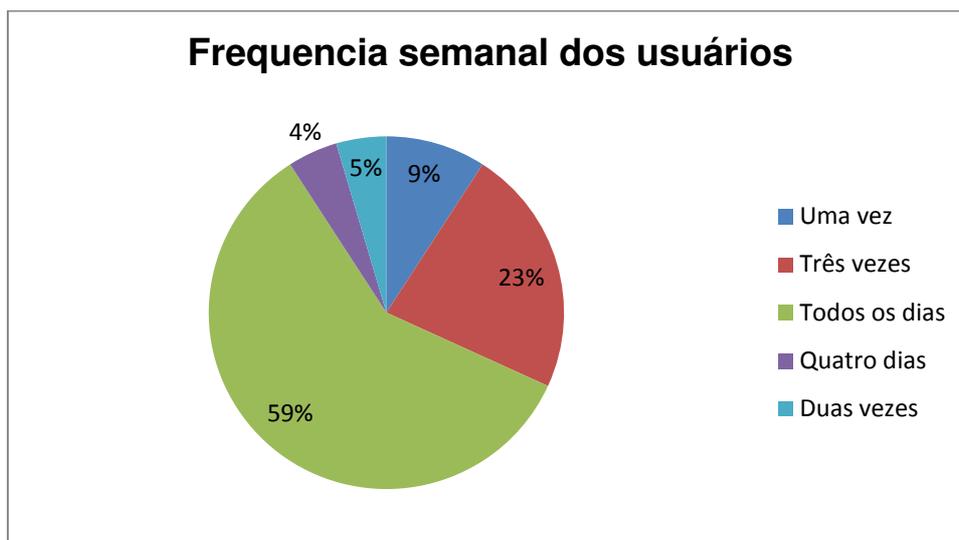
Gráfico 1 - Período em que os usuários frequentam o Parque Sucupira



FONTE: Elaboração própria.

O Parque Sucupira hoje conta com uma frequência regular de usuários. Dentre os entrevistados, 59% visitam o Parque Sucupira diariamente (Gráfico 2).

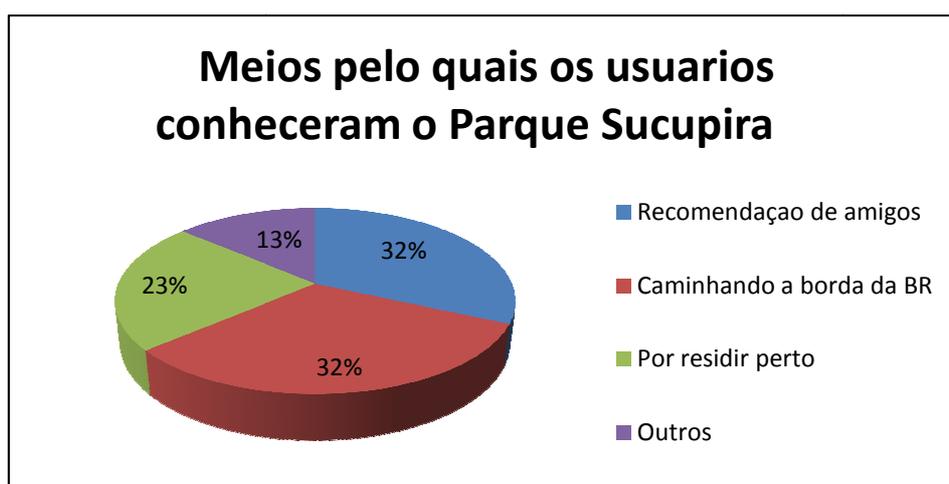
Gráfico 2 - Frequência semanal dos usuários



FONTE: Elaboração própria.

Nos fins de semana, durante a realização desta pesquisa, alguns entrevistados estavam visitando o Parque pela primeira vez. Os usuários entrevistados do Parque Sucupira o conheceram por diversos meios: 32% caminhando pela borda da BR-020; 32% por meio de recomendações de amigos; 23% por residirem nos bairros vizinhos ao Parque e 13% por outros meios, como proximidade do trabalho ou por usar a área como atalho para chegar a outro bairro (Gráfico 3).

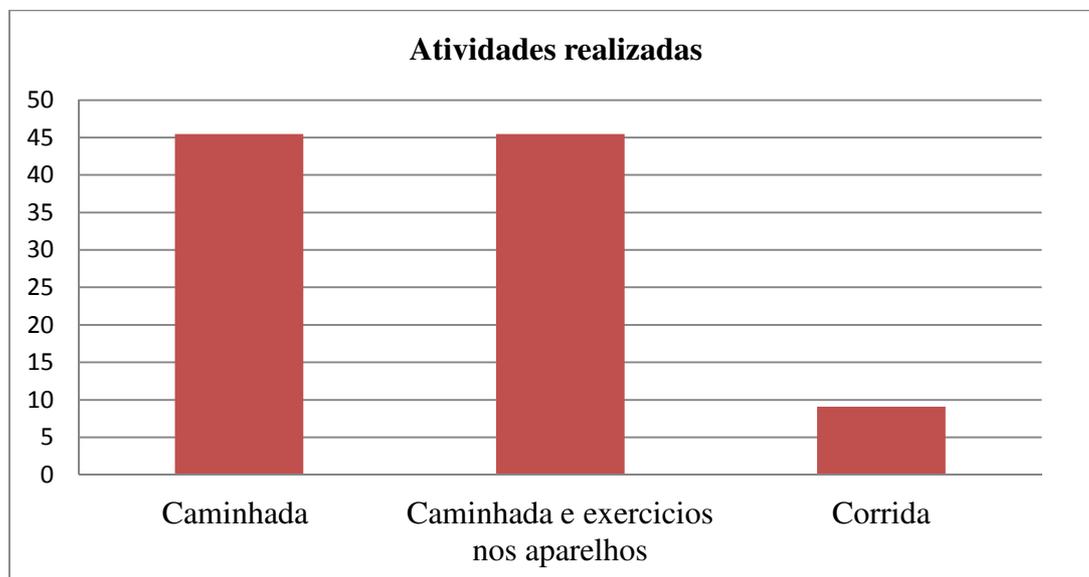
Gráfico 3 - Meios pelos quais os usuários conheceram o Parque Sucupira



FONTE: Elaboração própria.

As atividades realizadas pelos usuários entrevistados são: caminhada (45%), caminhada com exercícios nos aparelhos (45%) e corrida (10%), (Gráfico 4).

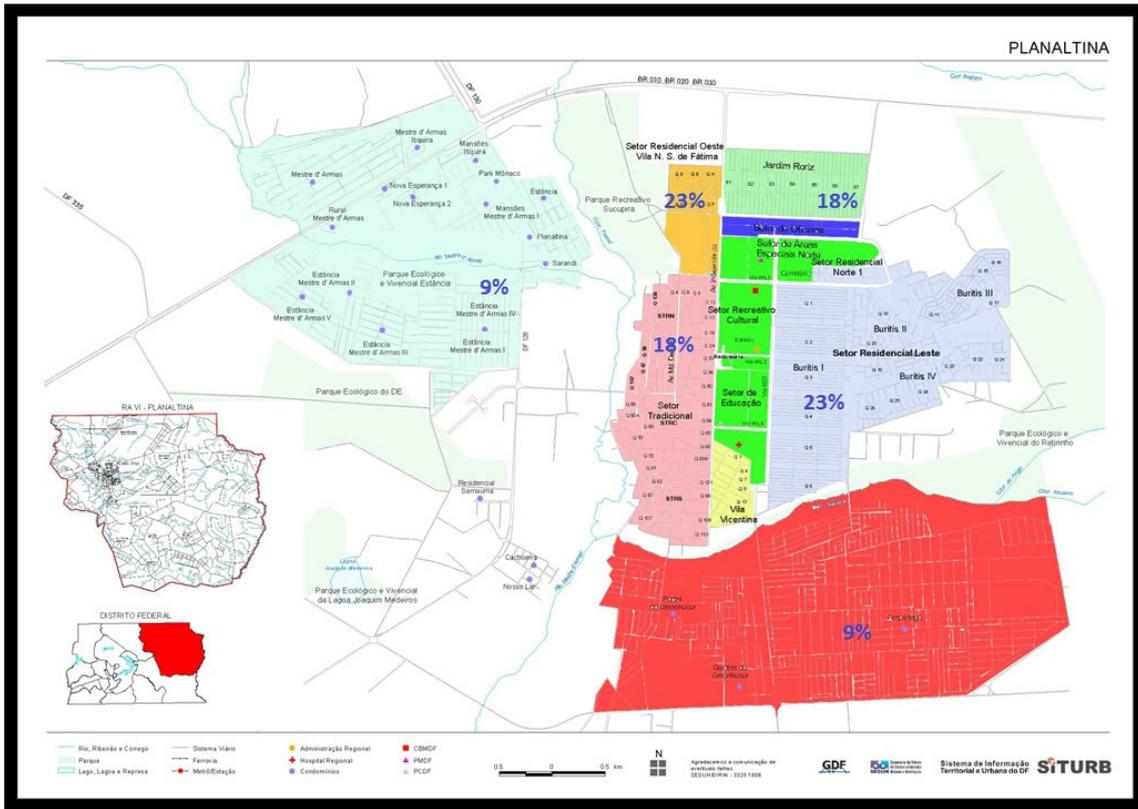
Gráfico 4 - Atividades realizadas pelos usuários do Parque Sucupira



Fonte: Elaboração própria.

Todos os usuários vêm de casa para o Parque Sucupira. 23% residem na Vila de Fátima, 23% na Vila Buritis, 18% no Jardim Roriz, 18% no Setor Tradicional, 9% no Condomínio Arapoanga e 9% na Estância (Figura 3). Os usuários que residem no Condomínio Arapoanga usam carros para se deslocarem até o Parque. Há outros Parques perto dos bairros mais distantes do Parque Sucupira, porém os usuários afirmam não conhecerem outros Parques em Planaltina. Isto pode ser reflexo da falta de sinalização ou de infraestrutura dos outros Parques.

Figura 4 - Origem dos usuários do Parque Sucupira



Fonte: SITURB (2014), adaptado (2016).

CAPÍTULO 3: Percepção dos usuários do Parque Sucupira

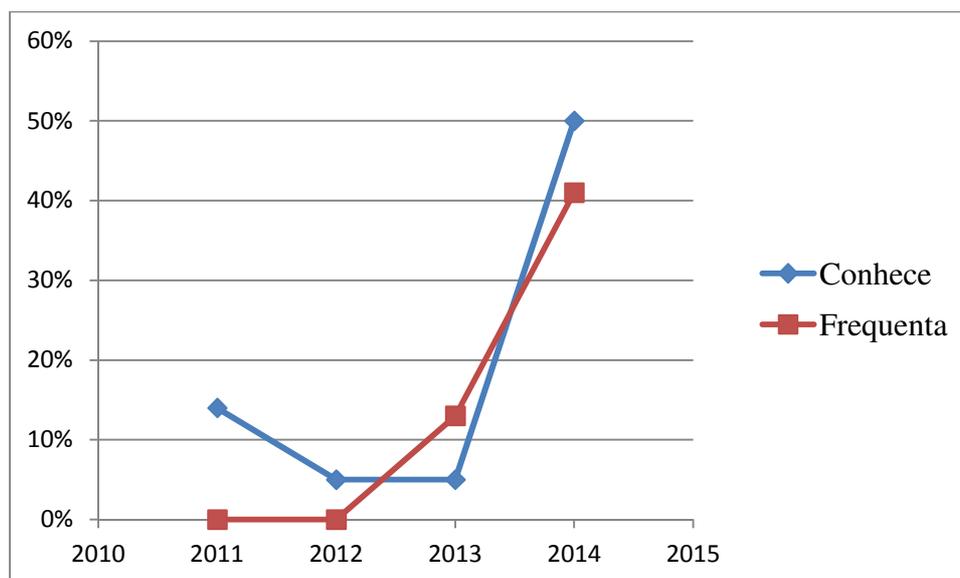
3.1 As relações entre infraestrutura e percepção de risco dos usuários

Para Loboda e Angelis (2002), recreação, preservação ambiental, preservação dos recursos hídricos, a sociabilidade e a presença de áreas verdes na paisagem urbana são elementos indispensáveis para o bem estar da população. Logo o melhoramento da qualidade de vida urbana está relacionada à infraestrutura, inclusive de Parques Urbanos.

O estudo realizado por Cavalcante (2010), entre os anos de 2006 e 2010, informa que Parque Sucupira se encontrava em situação de abandono naquele período. A área do Parque já havia sido um lixão, que foi enterrado na ocasião da sua criação. Mesmo assim, por ocasião da realização de seu estudo, Cavalcante verificou que a área ainda estava sendo utilizada como um local de acúmulo de entulho pela população. Cavalcante ressaltou que a comunidade se referia ao Parque com rejeição, por se tratar de um lugar inseguro, pois, com o abandono, o Parque havia se tornado, de maneira incontrolável, um abrigo para venda de drogas e objetos roubados, de assaltos e esconderijo de infratores.

A implantação de infraestrutura no Parque Sucupira ocorreu somente em 2014. 50% dos usuários entrevistados declararam que tomaram conhecimento da existência do Parque após a instalação de infraestrutura e 41% que já conhecia e passou a frequentar (Gráfico 5). Ou seja, dos usuários entrevistados apenas 9% tinham conhecimento do parque e frequentava-o.

Gráfico 5 - Aumento de usuários que passaram a conhecer e frequentar o Parque Sucupira após a implantação de infraestrutura



Fonte: Elaboração própria.

O estudo realizado por Cavalcante (2010) relatou que o parque era visto como refugio para infratores e usuários de drogas. Foi possível verificar que esse elemento (a insegurança) ainda se faz presente, pois durante as atividades de campo da presente pesquisa pude constatar a presença de usuários de drogas no topo dos morros baixos do Parque Sucupira. Depoimentos dos usuários entrevistados também incluíam manifestações de insegurança em razão da persistência dessa situação.

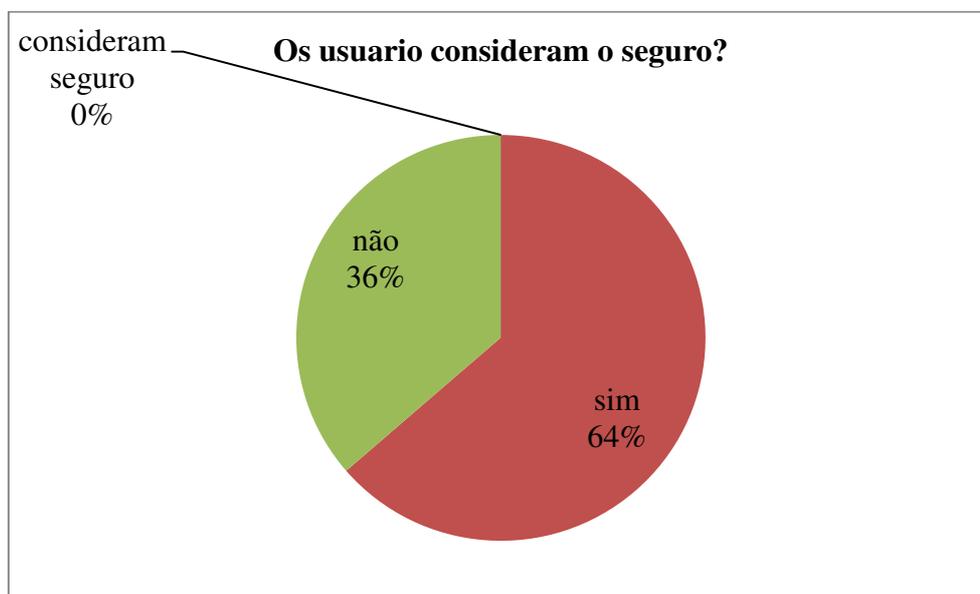
Existe no Parque uma pista de skate pouco usada por ser pequena e baixa, alguns usuários se referiram a ela como a área de usuários de drogas. "Direto, vejo jovens usando drogas naquela pista de skate. Essa pista quase não é usada, porque é pequena. Então, acaba sendo o lugar deles (Usuário 1 do Parque Sucupira).

Ao perguntar aos usuários se já haviam presenciado alguma situação de risco, alguns citaram a tentativa de roubo a uma moto que estava no estacionamento, que fica dentro Parque e em frente a administração do Parque que o IBRAM ocupa. Tive a oportunidade de entrevistar o próprio dono da moto: "Há uns quatro meses, quando retornei ao estacionamento, estavam tentando roubar a minha moto" (Usuário 2 do Parque Sucupira).

Uma senhora entrevistada teve um filho assassinado na área do Parque há cinco anos e, por isso, só após a implantação de infraestrutura ela conseguiu voltar a frequentar a área. "Há cinco anos meu filho foi morto aqui e não conseguia passar perto daqui. Mas depois que melhoraram, venho como se fosse um lugar diferente (Usuário 3 do Parque Sucupira).

Mesmo diante de incidentes presenciados e citados por alguns usuários, 64% dos usuários consideram que o Parque Sucupira hoje é seguro (Gráfico 6). Ainda assim, a maioria das melhorias que poderiam ser implantadas no Parque mencionadas pelos usuários estão relacionadas à infraestrutura de segurança, como: agentes de segurança, iluminação, horário de funcionamento e o término do isolamento da área com cercas, como na entrada sul já apresentada (Figura 4). Além das melhorias citadas para segurança, os usuários citaram melhorias voltadas para a beleza cênica e para a função ecológica do Parque como a recuperação de área degradadas.

Gráfico 6 - Percepção de risco dos usuários do Parque Sucupira



Fonte: Elaboração própria.

Os resultados desta pesquisa, no âmbito do Parque Sucupira, confirmam os pressupostos de que a infraestrutura adequada e a qualidade ambiental das áreas verdes, bem como a facilidade de acesso, aumentam a possibilidade de frequência das pessoas nesse espaço, o que, por sua vez, pode gerar um comportamento ecológico positivo, em benefício da saúde e do

bem estar da população. Parques Urbanos também favorecem também permanência prazerosa e tranquila de seus usuários nesses espaços, possibilitando o desenvolvimento de atividades socioculturais e melhora da qualidade do meio urbano.

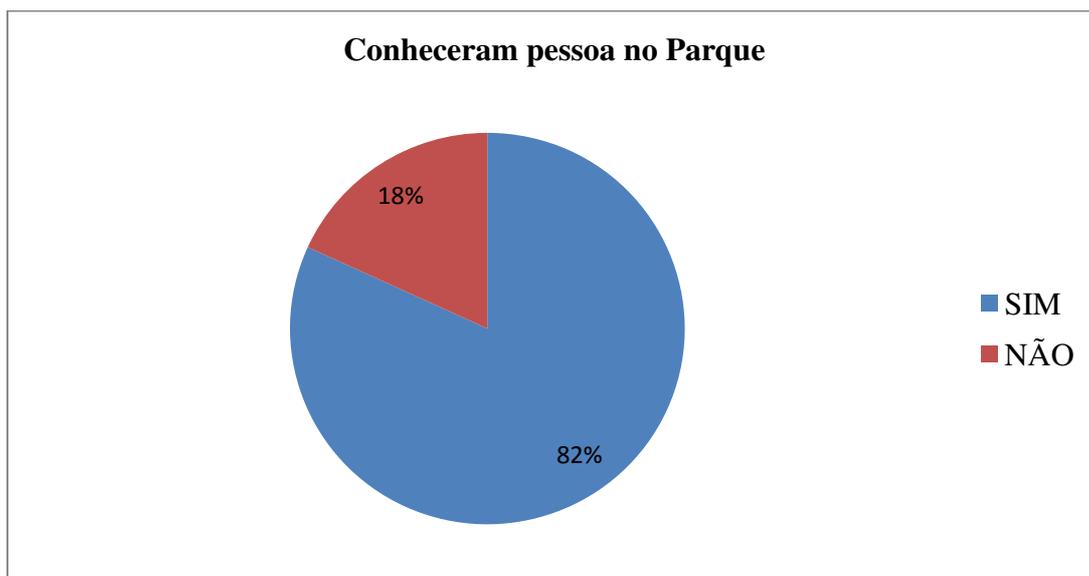
3.2 O Parque Sucupira como espaço de vivências e socialização

Áreas verdes em zonas urbanas são de suma importância devido à sua multifuncionalidade. Essas áreas além de possuírem função ambiental associada à melhoria da qualidade de vida, permitem e favorecem o desenvolvimento de atividades de recreação e lazer, essenciais para a socialização urbana.

Para MOLLERI (2011) as Unidades de Conservação além de serem utilizadas como espaço educativo, possibilitam abranger diversas áreas do conhecimento integradas aos momentos de sensibilização, valorização e socialização de aprendizados, também estão ligadas à experiência única individual, onde cada qual com sua bagagem cultural e emocional enriquece a experiência coletiva. No momento em que o indivíduo passa a visitar áreas verdes de forma contínua, ele passa por um processo de integração social secundária aonde se adapta ao novo ambiente e às situações sociais, resultando em novas competências e comportamentos.

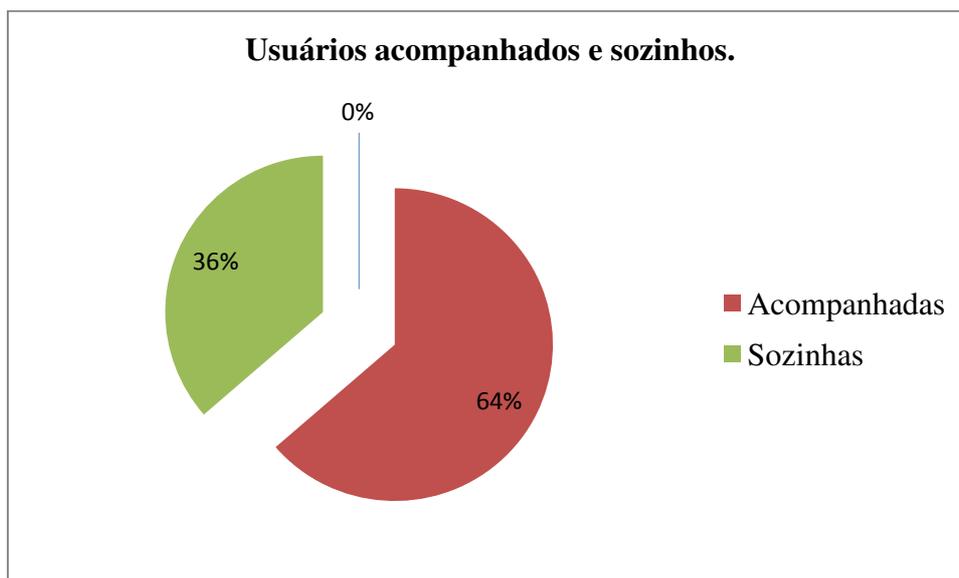
De acordo com os resultados desta pesquisa, o Parque Sucupira tem cumprido sua função social: 82% dos seus usuários conheceram outras pessoas realizando suas atividades no Parque (Gráfico 7), sendo que 64% dos usuários frequentam o Parque acompanhados (Gráfico 8) e todos afirmam ter conhecido pessoas no Parque. Os usuários que estavam acompanhados em sua maioria eram casais. O Parque é um espaço de vivência que facilita encontros que a rotina na cidade muitas vezes impossibilita. "Parece engraçado, após cinco meses morando aqui, conheci meu vizinho fazendo essa caminhada aqui" (Usuário 3 do Parque Sucupira).

Gráfico 7 - Usuários que conheceram outras pessoas no Parque Sucupira



FONTE: Elaboração própria.

Gráfico 8 - Usuários que frequentam o Parque Sucupira sozinhos ou acompanhados



FONTE: Elaboração própria.

3.3 Cidadania e meio ambiente

A relação entre sociedade e o meio ambiente tem sido discutida em todo planeta. O solucionamento dos problemas ambientais é considerado cada vez mais emergente para garantir o futuro da humanidade. Tais soluções dependem da relação entre sociedade e natureza, tanto na esfera coletiva

quanto na individual e a Educação Ambiental é o meio imprescindível para estabelecer uma relação sustentável entre a sociedade e a natureza.

Segundo Castro e Baeta (2002), a relação entre cidadania e a temática ambiental implica em questões que ultrapassam as dimensões da concepção de cidadania clássica e referem-se à responsabilidade social em relação à natureza e ao senso de pertencimento global.

Para Loureiro (2002), a cidadania é construída constantemente, ao dar sentido ao pertencimento do indivíduo a uma sociedade. Pautada na participação do indivíduo em organizações sociais. Assim a cidadania vem adicionando vários direitos e sentidos à vida em sociedade, no decorrer do tempo. A cidadania planetária expressa a inclusão da ética ecológica e seus desdobramentos no cotidiano, que exige a consciência individual e coletiva das responsabilidades tanto locais, quanto globais.

Layrargues (2011) relata que no início a Educação Ambiental era idealizada como uma prática educativa com o objetivo de despertar uma consciência ambiental, com base na lógica do “conhecer para amar, amar para preservar”. Esta lógica se enquadra no atual situação do Parque Sucupira, pois, a instalação de infraestrutura no Parque Sucupira viabilizou o contato da comunidade com a natureza. A mesma população, que rejeitava a área antes da instalação de infraestrutura, passa a desenvolver esse sentimento de pertencimento e muda seus atos dentro do parque e até mesmo no seu cotidiano. A comunidade que concebia o Parque como área abandonada para depositar lixos e entulhos, agora o visita para realizar atividades que promovem qualidade de vida, como a saúde e a contemplação da natureza.

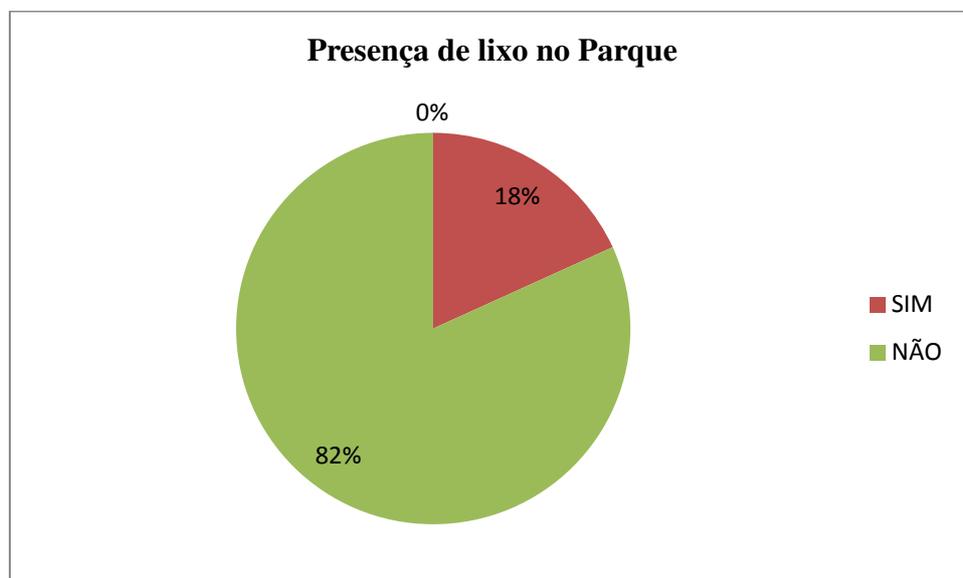
Frequento o parque por ser um espaço para fazer caminhada, respirando um ar mais puro, sem barulho de carro e com o canto dos pássaros. Sempre vejo muitos pássaros, indo e voltando da Estação de Águas Emendadas (Usuário 4 do Parque Sucupira).

Apesar dos usuários desconhecerem como o Parque Sucupira foi criado, eles têm bem definidos os motivos. Os motivos fazem referência à preservação, ao lazer, ao amortecimento de poluição e a saúde da população.

Antes da implantação de infraestrutura, o acúmulo de lixo e entulho ocupava o Parque Sucupira e o descaracterizava. Ao averiguar a

observação dos usuários sobre o lixo na área, constatei que o lixo não causa desconforto porque na faixa de caminhada quase não é visto. Nesta faixa, quando há lixo são garrafas pets e embalagens (Gráfico 9). Entulhos, como resto de construção civil, lixo doméstico e lixo eletrônico não são vistos pelos usuários que realizam caminhada, pois, realmente não há perto da faixa de caminhada. Realizando outras atividades no Parque percebi entulhos nas estradas de acessos às chácaras (Figura 4). Logo, pode-se deduzir que os usuários do Parque não são as mesmas pessoas que o frequentam para fazer depósito de lixo irregular.

Gráfico 9 - Usuários que perceberam a presença de lixo no Parque Sucupira



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 -Lixo nas estradas de acesso às chácaras no Parque Sucupira



Fonte: Elaboração própria.

A ausência de lixo na faixa de caminhada no Parque representa melhorias quanto à segurança e saúde ambiental desta UC, com benefícios diretos para os seus usuários. Ainda que o lixo esteja presente na área do Parque, não é na proporção descrita por Cavalcante (2010). Garrafas pets e embalagens constituem em grande parte o lixo encontrado nas bordas da faixa de caminhada. Por isso, a implantação de lixeira é uma das melhorias sugeridas pelos usuários. Mas andando em uma das estradas que dá acesso às chácaras, percebi lixos eletrônicos e restos de construção próxima à entrada das chácaras.

Acredito que a maneira com que as pessoas se relacionam com o lixo que produzem indica o grau de consciência ambiental. Quando o indivíduo descarta o lixo de forma irregular, ele está se privando do direito de um ambiente saudável.

3.4 Benefícios para os usuários: saúde e beleza cênica

Diversos estudos ressaltam os benefícios das áreas verdes. Destacam-se, dentre os benefícios a recuperação e a sustentação das temperaturas confortáveis à população urbana, a minimização da poluição do ar, o melhoramento visual, o desenvolvimento de conscientização ambiental, eventualmente a promoção do turismo, a recuperação e manutenção dos cursos d'água e a conservação da biodiversidade. (TRINDADE, 1995; BENAOUICHE, 1994; JIN, 1987).

No caso do Parque Sucupira, os principais motivos apontados pelos usuários para fazerem caminhadas nesta área verde são: saúde e beleza cênica. Dito de outro modo, a oportunidade de fazerem atividade física numa área verde motivam os usuários a frequentarem o Parque.

A beleza cênica é reconhecida como qualidade visual ou valor estético de uma paisagem, é apreciada como um dos mais importantes recursos naturais e recebe a mesma importância que os demais recursos do meio físico (USDA, 1974).

O contato com a natureza ajuda na recuperação de doenças, estimulando a vontade de a pessoa viver e lutar. No Japão este contato é uma questão de saúde pública. Esta prática se chama *Shirin Yoku*, que quer dizer banho de floresta. De forma intuitiva, os usuários do Parque Sucupira tomam este “banho de floresta” ao se exercitarem para manter a *saúde*.

Eu venho caminhar aqui para fazer caminhada na natureza, sem barulho, porque é um momento de meditação com o canto dos pássaros cedinho assim. Me lembra a infância, eu nasci e cresci na roça. (Maria José, usuária do Parque Sucupira).

A presença de vegetação em áreas verdes é responsável pela criação de ambientes esteticamente atrativos e seguros, apropriado para amenizar as tensões e o estresse dos usuários decorrentes de fatores como trabalho, ruídos urbanos, altas temperaturas e poluição do ar, beneficiando a saúde psicológica do homem (MILANO, 1984). Esse contato com a natureza maximiza seus benefícios quando adicionado à implantação de infraestrutura e equipamentos oferecem à população condições para a prática de atividades físicas.

Considerações finais

O Parque Sucupira desempenha importante papel na conservação dos recursos naturais no Distrito Federal, tendo em conta inclusive a sua proximidade com outras Unidades de Conservação. É também um local de aprendizagem e sensibilização de pessoas a respeito da problemática ambiental. Por meio da pesquisa de percepção ambiental é possível identificar a relação entre o homem e a natureza.

Mediante as entrevistas realizadas na presente pesquisa foi possível verificar mudanças ocorridas na percepção ambiental dos usuários, a partir de suas vivências no Parque. Os resultados também permitem sugerir outras melhorias. A implantação de infraestrutura no Parque Sucupira mediou o contato entre usuários e o Parque e influenciou na construção da conscientização ambiental dessa população, viabilizando o reconhecimento da área como parque ecológico e amenizando o despejo de lixo, bem como a presenças de usuários de drogas nesta UC. A maioria dos usuários entrevistados passou a ter conhecimento do Parque após a implantação de infraestrutura. Os usuários sentiam rejeição e insegurança em relação ao Parque e, após a implantação de infraestrutura, manifestam contrariamente afeição e segurança, mesmos quando há muito que se melhorar quanto à segurança.

A implantação parcial de infraestrutura no Parque Sucupira trouxe segurança aos usuários, mas não em sua totalidade. Pois há muito que pode ser feito - e, nesse sentido, merecem destaque as melhorias sugeridas pelos usuários, como: a presença de agentes de segurança e estação de iluminação no interior do Parque. Além dessas melhorias, os usuários citam o termino de isolamento da área e estabelecimento de horário de funcionamento.

É importante que a infraestrutura instalada seja adequada para o uso. Pois, quando se há algo em condições impróprias de uso, essa estrutura pode ser tornar um ponto crítico, a exemplo da pista de skate no Parque Sucupira que se tornou lugar de encontro de usuários de drogas e infratores e causa insegurança para os usuários da UC.

A implantação de infraestrutura no Parque Sucupira transformou a percepção de pessoas que tiveram experiência ruins com o Parque - como uma senhora que teve um filho assassinado no Parque e passou a frequentar o Parque somente após a implantação de infraestrutura.

As estradas que dão acesso às chácaras ainda possibilitam o depósito de lixo e entulho tanto pelos moradores da vizinhança, quanto pelos próprios chacareiros.

O contato com a natureza leva as pessoas refletirem sobre as questões socioambientais. O reconhecimento da função ecológica do Parque Sucupira por parte dos usuários foi notória, pois, relacionam sua importância com o amortecimento da poluição e como corredor ecológico quando se referem à movimentação de espécies entre o ESECAE.

A arborização e a recuperação de áreas degradadas são as melhorias citadas pelos usuários relacionada à qualidade ambiental do Parque. Quanto a esta questão, a presença da FUP tem contribuído com pesquisas elaboração de Plano de recuperação de áreas degradadas (PRAD) e com a solicitação de recursos na administração da cidade.

A beleza cênica é um dos atributos e um dos fatores determinantes da valorização e utilização do Parque. Os usuários citam o contato com a natureza como a razão principal de deixar de caminhar pela faixa que fica entre a borda do Parque e a BR-020, para caminhar na faixa do interior do Parque.

Com poucas de áreas de lazer para a população de Planaltina, o Parque Sucupira contribuiu para necessidade social. Grande parte dos usuários frequenta o Parque acompanhados e esses são os mesmos que mais se relacionam com outros usuários. Portanto, o Parque Sucupira tem cumprido sua função recreativa e social.

As campanhas de divulgação do Parque Sucupira desenvolvidas pelo Projeto Educação no Parque Sucupira, coordenado por docentes da Faculdade UnB de Planaltina em parceria com escolas públicas, ESECAE e as programações na rádio, são de suma importância para a visibilização e

valorização do Parque para a comunidade A implantação de lixeiras no decorrer da faixa de caminhada diminuiria a quantidade de lixo jogado no chão e facilitaria o trabalho daqueles que o recolhem. Por fim, é recomendável também a implantação de bancos para estimular a vivência social no Parque.

Referências

ALMEIDA, Cristina. Jardim é terapia. Disponível em: <<http://revistavivasau.de.uol.com.br/saude-nutricao/75/artigo142171-2.asp/>> Acesso em: 23/10/2016 as 01h59min.

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERNARDES, Mabby Camarda. Avaliação da cobertura da terra do Parque Recreativo Sucupira e de sua zona influência direta. 2013. xi, 35 f., il. Monografia (Bacharelado em Gestão Ambiental) —Universidade de Brasília, Planaltina, 2013.

BENSUSAN, N. Seria melhor mandar ladrilhar? Biodiversidade: como, para que e por quê? 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2008.

BERTRAN, Paulo. História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal Brasília. Editora da Universidade de Brasília, 3ª edição, 2011. 615p. Coleção UnB nos 50 anos de Brasília.

BRITO, Maria Cecília Wey de. Unidades de Conservação: intenções e resultados. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

CAVALCANTE, Juliana Farias. Emancipação e Participação Popular: a Gestão Participativa no Parque Recreativo Sucupira em Planaltina, DF. Brasília, 2010.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

CORRAL-VERDUGO, V. PINHEIRO, J. (1999). Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. Estudos de Psicologia, 4, 7-22.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARIA, Sueli Corrêa de. Análise do risco ecológico no Parque Sucupira e entorno, Planaltina - DF. Editor: Sueli Corrêa de Faria - Brasília: 2005.

FERNANDES, Roosevelt S. et al. Uso da percepção ambiental como instrumento de gestão em aplicações ligadas às áreas educacional, social e ambiental. Encontro nacional de pósgraduação e pesquisa em ambiente e sociedade, v. 2, p. 1-15, 2004.

FERREIRA, A.D. Efeitos Positivos Gerados pelos Parques Urbanos: O caso de Passeio Público da Cidade do Rio de Janeiro/ Adajalme Dias Ferreira – Niterói: [s.n], 2005.

GUIMARÃES, Mauro (org.). Caminhos da Educação Ambiental: da forma à ação. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GUTIÉRREZ, Francisco. Ecopedagogia e Cidadania Planetária. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008. - (Guia da Escola Cidadã; v.3).

IBRAM. Parque Sucupira: Planaltina ganha espaço de meio ambiente e lazer. Disponível em:< <http://www.ibram.df.gov.br/noticias/item/2400-parque-sucupira->

planaltina-ganha-espaco-de-meio-ambiente-e-lazer.html> Acesso em: 06/10/2016 as 14h:47min.

KUSENBACH, M. Street Phenomenology: The Go-Along as Ethnographic Research Tool. *Ethnography* 2003 4: 455.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. *Encontro Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 7, 2011.

LEFF, E. Epistemologia ambiental. São Paulo. Cortez, 2001.

LIMA, A. M. L. P. et al. Problemas de utilização na conceituação de termos como espaços livres, áreas verdes e correlatos. In: Congresso Brasileiro de Arborização Urbana. 1994. p. 539-553.

LOBODA, C. A.; ANGELIS, B. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. *Ambiência*, Guarapuava, v. 1, n. 1, jan./jun. 2005. p.p. 125 – 139.

LOUREIRO, F.C.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Orgs). *Repensar a Educação Ambiental: um olhar crítico*. Ed. Costez, 2009.

MACEDO, S. S. Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks / Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – 2.ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá].

MARTINS, Amanda Roberta. Potencial do Parque Recreativo Sucupira para práticas educativas no ensino fundamental. 2013. 27 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Naturais)—Universidade de Brasília, Planaltina-DF, 2013.

MARTINS JÚNIOR, Osmar Pires; CHAVES, F. T.; PAPAEO, A. Arborização urbana e qualidade de vida: classificação dos espaços livres e áreas verdes. Goiânia: Kelps/UCG, 2007.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. O lazer no planejamento urbano 2. 1971.

MMA & Instituto de Estudos da Religião (ISER). (2001). O que o brasileiro pensa sobre o meio ambiente, desenvolvimento e sustentabilidade. Brasília: Autor.

MAZZARINO, Jane Márcia; DA SILVA, Shirlei Mendes. Cidadania, representações sociais e o trabalho de catadores. *Emancipação*, v. 13, n. 3, p. 79-92, 2014.

MILANO, M.S. Arborização urbana. In: CURSO SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA. Curitiba: Universidade Livre do Meio Ambiente, 1993.

MILANO, Miguel Serediuk. Avaliação e análise da arborização de ruas de Curitiba-PR. 1984. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná.

MOLLERI, Carla; SPULDARO, Simony C.; PEREIRA, Yara CC. Transpondo os Muros da Escola: a importância da Unidade de Conservação para a vivência de Educação Ambiental. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer–Goiânia, v. 7, n. 12, 2011.

MOURÃO, Laís; MAKIUCHI, Maria de Fátima. Cidade e Natureza: tecendo redes de no processo de gestão ambiental. Sociedade e Estado, vol 18, n.1/2 , jan/dez, 2003.

PATO, Claudia Marcia Lyra; TAMAYO, Álvaro. A Escala de Comportamento Ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. 2006 - SciELO Brasil.

PARQUE SUCUPIRA. Histórico do Parque Recreativo Sucupira. Disponível em: <<http://www.parquesucupira.com/p/historico-do-parque.html>> Acesso em: 28/09/2015 as 09h:47min.

REIS, Rodrigo Siqueira. Determinantes ambientais para a realização de atividades físicas nos parques urbanos de Curitiba: uma abordagem sócio-ecológica da percepção dos usuários. 2001. 114p, il. Dissertação à Título de Mestre em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina.

RIBEIRO, M.A. Ecologizar: Pensando o Ambiente Humano. 2ed. Belo Horizonte. Rona. 2000.

ROIG, Henrique Llacer et al. Adequação de uma área situada na APA de São Bartolomeu-DF à legislação ambiental. Anais Simp. de Sensoriamento Remoto, v. 14, p. 6133-6140, 2009.

SÃO PAULO, Estado de. Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente. 1992.

SILVA, Janaína Barbosa; PASQUALETTO, Antônio. O Caminho dos Parques Urbanos Brasileiros: da origem ao século XXI. Estudos, v. 40, n. 3, p. 287-298, 2013.

SCOCUGLIA, J. B. C. O Parc de La Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. Arqutextos, São Paulo, 113.03, Vitruvius, out 2009.

SZEREMETA, Bani; ZANNIN, Paulo Henrique Trombetta. A importância dos parques urbanos e áreas verdes na promoção da qualidade de vida em cidades. Raega-O Espaço Geográfico em Análise, v. 29, p. 177-193, 2013.

OBARA, A.T.; SILVA, E. S. População Humana, Biodiversidade e Unidades de Conservação do Brasil. In: VILLALOBOS. J.U.G. Terra e Agricultura. Maringá, 2001.

OKAMOTO, Jun. Percepcao ambiental e comportamento:Visao holistica da percepcao ambiental na arquitetura e na comunicacao. Sao Paulo: Mackenzie, 2002.

TAMAIIO, Irineu; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Quando o Parque (Ainda) não é nosso. Educação Ambiental, Pertencimento E Participação Social No

Parque Sucupira, Planaltina (DF). Revista Espaço e Geografia, v. 17, n. 1, 2014.

TOMIAZZI, André Bellis et al. Perfil dos visitantes do Parque Natural Municipal do Mendanha, município do Rio de Janeiro-RJ. Cerne, v. 12, n. 4, p. 406-411, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

USDA (United States, Department of Agriculture). Natural Forest landscape management, vol. 2, chapter 1, the visual management system. Forest Service. Washington D.C., U.S. Printing Office, 1974. Agricultural Handbook, 462p.

Roteiro de entrevista

Bom dia/Boa tarde, me chamo Márcia sou aluna do UnB de Planaltina e estou realizando uma pesquisa sobre o Parque Sucupira o Senhor(a) pode contribuir participando de uma rápida entrevista? Não, irei te interromper a entrevista será durante a sua caminhada. Por impossibilidade de anotar, estarei gravando a entrevista tudo bem?

Como o Senhor (a) se chama?

Desde quando você frequenta o parque?

Como você conheceu o parque?

Desde quando conhece o parque?

Por quais motivos você frequenta o parque?

Há quanto tempo você o frequenta?

Com que frequência você visita o parque?

Quais tipos de atividades você faz no parque?

Você frequenta o parque só ou acompanhado?

Em que horário costuma frequentar o parque?

Você considera o parque seguro?

Você ver lixo no parque?

Você sabe como ou porque foi criado o parque?

Você conhece outros parques em Planaltina?

Você tem conhecimento do que esta em volta do parque?

Já recomendo o parque para alguém?

Você considera o parque importante?

O que você acha que pode melhorar no parque?

De onde você vem?

Onde mora?

O que você faz no seu dia a dia?(profissão)

Qual seu grau de instrução?

Qual a sua idade?

Obrigada pela participação!